

O excluído Ciro Gomes



O cenário não poderia ser mais inapropriado para alguém que, como Ciro Gomes, se preparou quatro anos e entrou na corrida presidencial espalhando receios à direita e à esquerda. No fundo de uma sala do tradicional Beirute, um dos mais populares restaurantes de Brasília, o ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda praticamente implorava ontem espaço e tempo para respirar na campanha.

Não há obviamente qualquer objeção a que um candidato em campanha almoce com jornalistas em restaurantes populares. Mas no caso desse candidato específico, o episódio é simbólico, pois sintetiza as imensas dificuldades e a quase impossibilidade de transpô-las daquele que chegou a causar as maiores apreensões na campanha do favorito Fernando Henrique Cardoso.

Faltando 31 dias para a eleição, Ciro simplesmente não consegue se mover nas pesquisas de opinião, que continuam a retratar a polarização entre Fernando Henrique e Lula. Ele

acha que o apoio não cresce porque as sondagens estão "arrumadas" nessa direção. Ora, se o mercado de pesquisas de opinião fosse restrito a uma ou duas empresas, seria até aceitável examinar teorias conspiratórias. Não é impossível, mas parece bastante improvável que institutos competitivos como o Ibope, o Vox Populi, a Brasmart e o Datafolha aceitem participar de um projeto comum para prejudicar este ou aquele candidato. É improvável, ainda, que isso pudesse ocorrer sem que nenhum dos também competitivos e agressivos meios de comunicação do País descobrisse e denunciasse a fraude.

O que está acontecendo com a campanha de Ciro Gomes era absolutamente previsível. Isolado politicamente à esquerda e à direita, ele encontra-se sem recursos financeiros para levar adiante a campanha. Isso para não falar da inexpressiva estrutura partidária do PPS. A agenda do candidato Ciro Gomes deve ser, aliás, uma das mais difíceis de compor no dia-a-dia.

Ao contrário de Fernando Henrique e de Lula, que precisam decidir com cuidado suas viagens para não desagradar aliados, Ciro tem primeiro que achar onde fazer campanha para depois compatibilizar essa escolha com os recursos disponíveis para chegar a tempo no seu destino.

Esse quadro oferece, digamos, respaldo à definição de "simbolismo melancólico" para a cena protagonizada por ele no Beirute, um ponto de encontro plural para onde convergem os mais variados tipos urbanos que, na noite brasiliense, não têm o que fazer nem um lugar melhor para ir. Como os boêmios e solitários, Ciro foi isolado pelos socialistas do PT, do PSB, do PCdoB e do PDT, que viram nele e no PPS um concorrente no mercado futuro de votos da esquerda. Do outro lado do espectro político, Fernando Henrique e seus aliados viram em Ciro o fator que poderia frustrar o projeto da vitória no primeiro turno e, num cenário mais pessimista, o adversário que poderia até

mesmo ameaçar-lhe a reeleição.

A curta experiência democrática do País ensinou aos políticos uma verdade: ninguém ganha trabalhando apenas na campanha. A disputa eleitoral começa bem antes. Em 1989 Collor venceu porque explorou sozinho a liberdade de propaganda permitida pela legislação da época. Ele comprou espaços partidários nas redes obrigatórias de rádio e televisão, escreveu um bom discurso e na pele do caçador de marajás provou que os aventureiros também têm vez na democracia. A derrota de Ciro Gomes começou a ser construída em setembro do ano passado.

Compelido a se alistar no PPS, entrou para uma legenda de respeito, mas insuficiente para lhe assegurar a densidade política indispensável ao êxito no pleito presidencial. Tudo isso, é claro, lhe aconteceu com uma boa ajuda de Fernando Henrique e de Lula.

E-mail:
ariosto@agestado.com.br